



Realidade, indústria cultural e liberdade

Em passagem pelo Brasil, herdeiro da Escola de Frankfurt fala sobre o espaço da escolha na era da mídia

EDUARDO GUERREIRO LOSSO

Christoph Türcke é professor de filosofia da Hochschule für Grafik und Buchkunst, Leipzig. Tendo colaborado para as revistas *Spiegel* e *Merkur*, e escrito mais de 15 livros, sua obra é uma das mais singulares renovações da Teoria Crítica na Alemanha. Dos livros traduzidos no Brasil, além de *O Louco: Nietzsche e a Mania da Razão* (Vozes, 1993), saiu recentemente *Sociedade Excitada: Filosofia da Sensação* (Editora da Unicamp) e *Filosofia do Sonho* (Unijui). A produção atual, que inclui os dois últimos livros, levou-o ao prêmio Sigmund-Freud-Kulturpreis, em 2009. De passagem pelo Brasil, Türcke aceitou responder às perguntas da CULT, discorrendo sobre o problema do livre-arbítrio na sociedade contemporânea, o entretenimento produzido pelo mal e a satanização da indústria cultural.

CULT – Se a secularização do conceito de mal, vindo do pecado do mundo, ocorre com a injustiça do sistema capitalista na modernidade, não vemos reaparecer o problema do livre-arbítrio? O regime de atenção imposto pela mídia não abre espaço para a escolha?

Christoph Türcke – Abre, sim. É sempre possível desligar a máquina. Aperta-se o botão e pronto. As pessoas esquecem a base física do mundo virtual, que é *hardware* e eletricidade. Assim, fazem passar a virtualidade por uma força natural ou até por uma realidade superior. Todavia, é inegável que vivemos uma dependência extrema da mídia eletrônica, que se tornou parte integral da sociedade como antes era a escritura. A escritura, no entanto, mantém distância do leitor. Leitura exige atividade contínua de abstração e

bastante tempo para transformar letras em representações e significados mentais, enquanto a máquina audiovisual nos inunda com representações sensoriais já prontas que se impõem diretamente ao sensorio, dirigindo-o ao compasso das focagens da câmera. Qualquer mudança de focagem dá um choque. O choque singular é quase imperceptível e não faz mal. Bilhões de tais choques emitidos diariamente corroem a força de atenção por distração sistemática. Nesse impacto, o filme mais sutil difere apenas gradativamente da reportagem mais primitiva. Triste para os admiradores da arte cinematográfica, aos quais pertenço, mas não adianta ignorar que o regime de atenção que chamo de “distração concentrada” se estabeleceu em escala global. Ninguém se mantém intacto. Mas ninguém está forçado a capitular. Os monges medievais exerceram ascese em termos de sexualidade, nutrição e posse para não se perderem em objetos físicos. Ganharam, destarte, um espaço considerável de liberdade, embora tirassem pouco proveito dele. Não obstante, receio que não haverá liberdade sem ascese. A volta da ascese monacal não é desejável, tanto mais ascese em relação à audiovisualidade. Frequentá-la em doses pequenas que imunizam, qual uma vacina, contra a aspiração audiovisual: eis uma das medidas indispensáveis para manter o livre-arbítrio na época atual.

A “realidade” exposta pela mídia, principalmente a brasileira, é sinônimo dos horrores do mal: crime, corrupção e insegurança. Igualar realidade e mal não é ainda falsear a realidade?

Duvido que as novelas não tragam senão horrores do mal, mas não nego que grandes crimes atraem atenção muito mais do que prazeres pequenos. Na mídia, porém, os horrores do mal fazem o papel do entretenimento. Ocultam não apenas os agrados cotidianos, os progressos sociais, os modelos de responsabilidade e coragem civil; desviam, antes, a atenção daqueles problemas que chateiam o público cada vez mais, pois continuam tanto mais conhecidos quanto irresolvidos, como o desemprego, a fome, a força nuclear, a camada de ozônio, a Mata Atlântica. Tais problemas exigem paciência, concentração, repetição, insistência, resistência. Não cabem no esquema sensacionalista da indústria cultural, que atrai a atenção de um evento ao outro, enquanto esse esquema é atendido perfeitamente pela apresentação disjunta de crimes, corrupções, acidentes. Assim, acontece um falseamento triplo. Sugere-se que a realidade não consiste senão em horrores. Cobrem-se os problemas gerais, estruturais e sociais por uma multidão de horrores particulares. Transformam-se, finalmente, tais horrores em eventos de entretenimento. Qual desses falseamentos é o pior?

A teoria crítica sataniza a indústria cultural? Como o senhor responderia àqueles que minimizam seus efeitos perniciosos?

Dialéticos não satanizam ninguém; consideram, antes, até o próprio Satã um anjo caído, que nunca perdeu totalmente

seu potencial divino. Assim, a indústria cultural nunca perdeu seu potencial iluminador. Abriu um espaço público que não pode ser anulado, mas, sim, livrado do lixo que os imperativos comerciais nele depuseram. Uma vida imune à indústria cultural tornou-se impossível. Tem-se de atravessá-la como as doenças da infância. Tais doenças, quando superadas, corroboram a saúde. Façamos o mesmo com os *standards* da indústria cultural. Tomemo-los como meios corroborantes da expressão crítica. ■

Eduardo Guerreiro Losso é professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro



Sociedade Excitada

Christoph Türcke
Vários tradutores
Unicamp
328 págs. – R\$ 88



Filosofia do Sonho

Christoph Türcke
Trad.: Paulo Rudi Schneider
Unijui
328 págs. – R\$ 48